

1

Milton Santos recebeu na França em 1994, o prêmio Vautrin Lud, a mais alta láurea internacional de geografia, destinado em outros anos a nomes conhecidos como D. Harvey, P. Claval e Y Lacoste. Mas é justo afirmar que esse prêmio poderia também ser oferecido, com toda justiça a outros geógrafos brasileiros da mesma geração de Milton, como Aziz Ab'Saber, C.A. Figueiredo Monteiro, entre outros. É provável que isto nunca aconteça, pois os interesses em choque entre centro e periferia do sistema capitalista continuam muito mais fortes do que nós imaginamos e homenagear os geógrafos de fora dos “centros” culturais do mundo é sempre perigoso.

O desenvolvimento da geografia no Brasil após a instalação das faculdades de Filosofia públicas em São Paulo (USP) e no Rio de Janeiro (Universidade do Distrito Federal), a implantação do IBGE pelo governo Getúlio Vargas nos anos 30 e o papel catalítico da Associação dos Geógrafos brasileiros, se fez de uma maneira muito rápida, alcançando em duas décadas nível de produção respeitado mundialmente. Crescimento surpreendente pela rapidez e pela qualidade alcançada. Os balanços mais cuidadosos da trajetória da geografia no Brasil, feitos por J.V. Costa Pereira e C.A. Figueiredo Monteiro dão conta dos brilhantes resultados alcançados.¹²⁹

2

É útil falar em gerações de intelectuais, que de alguma forma rompem com o que se fazia antes. Na Espanha se dá grande ênfase à geração de 98, pois com a derrota espanhola frente aos EUA, que resultou na perda de Cuba, Filipinas e P. Rico, tornadas semi-colônias americanas, houve um despertar crítico em relação às oligarquias, ao caciquismo, ao saudosismo da antiga grandeza, a partir do conhecimento íntimo da realidade, com propostas de uma regeneração necessária. Na literatura, Miguel de Unamuno e Antônio Machado foram pontos altos, aliás eliminados pelo franquismo¹³⁰.

¹²⁹ J. V. Costa Pereira: A geografia no Brasil cap. VIII de As Ciências no Brasil, vol. I organizado por Fernando de Azevedo, Ed. Melhoramentos e C.A. Figueiredo Monteiro: A geografia no Brasil (1934-1977), avaliação e tendências, IG-USP, 1980.

¹³⁰ F.B. Pedroza Jimenez y M. Rodrigues Cáceres: La literatura española en los textos (siglo XX), Ed. Nerman.

No Brasil acostumou-se a falar da geração de 30, que produziu no campo das ciências sociais obras hoje clássicas, como *Casa Grande e Senzala* (G. Freyre), *Evolução Política do Brasil* (C. Prado Jr.), *Raízes do Brasil* (S. Buarque de Hollanda), além de fortes manifestações literárias, com Graciliano Ramos, J. Lins do Rego, E. Veríssimo e outros. Também se fala, proporcionalmente menos, da geração de 45, com P.E Sales Gomes, Antônio Cândido, Nelson Rodrigues e outros¹³¹. Mas pouco se fala da geração dos anos 50, que não só retomou, como multiplicou o debate sobre a realidade brasileira, em todos os campos do conhecimento, como na economia (R. Campos, I. Rangel, C. Furtado), sociologia (F. Fernandes, Guerreiro Ramos), no teatro (Guarnieri, Plínio Marcos), no cinema (N. Pereira dos Santos, Glauber Rocha, Anselmo Duarte), na filosofia (Cruz Costa, M. Vieira de Mello) e naturalmente na geografia, com Aziz Ab'Saber, C. A. Figueiredo Monteiro, Milton Santos e muitos outros, como veremos.

É interessante repetir que a geração dos anos 50 na geografia é fruto do enorme movimento de implantação e desenvolvimento da geografia nas primeiras Faculdades de Filosofia, da instalação e desenvolvimento do IBGE e da integração e pesquisa coordenada pela AGB. Mas, como havia notado C.A. Figueiredo Monteiro, existiam nos anos 50 vários nomes significativos que não participaram do processo acima referido e que já eram geógrafos pré-existentes e que alçaram vôos próprios, independentemente daquela grande renovação, mesmo tendo acompanhado o movimento. Foram os casos de C. Prado Jr. nos estudos sobre a cidade de São Paulo, E. Backheuser nos estudos de geopolítica, V. R. Leuzinger nos estudos de geomorfologia, Josué de Castro nos estudos de geografia da alimentação, para citar apenas as contribuições principais destes geógrafos auto-didatas, que nos anos 50 haviam alcançado padrões científicos internacionais¹³². Anteriormente aos quatro nomes apontados, também brilhava nos anos 50 C. M. Delgado de Carvalho, que após estudos na França, produziu extensa obra geográfica¹³³.

3

¹³¹ C.G. Mota: Ideologia da cultura brasileira (1933-1973), Ed. Ática, 3ª edição 1977.

¹³² No caso de Josué de Castro a sua primeira obra de fôlego data de 1932. O problema da alimentação no Brasil, tema pouco tratado até então e que passou a receber maior atenção naqueles anos (Djaciir Menezes, Araújo Lima, Castro Barreto) e que permitiu ao autor trocar idéias e críticas com vários intelectuais brasileiros e estrangeiros, inclusive os geógrafos Preston James, P. Deffontaine e Ph. Arbos.

¹³³ Publicou no Rio de Janeiro nos inícios do século XX clássicos como *Le Brésil Méridional* (1910) e *Meteorologia do Brasil* (1917), “obra absolutamente surpreendente para a época” no dizer de C.A. Figueiredo Monteiro.

Para se entender as gerações dos anos 30, 45 e 50 é preciso dar destaque à revolução de 30, acontecimento fundamental da vida brasileira, um gigantesco divisor de águas, pois como assinalou C. Furtado, os anos 20 caracterizaram-se por um grande pessimismo intelectual sobre o Brasil, gradativamente superado nas décadas seguintes¹³⁴. Deve-se também lembrar as influências crescentes da Revolução de 1917 sobre nossa intelectualidade, manifestada na geração de 30 em Caio Prado Jr., na literatura de Graciliano Ramos e Jorge Amado entre outros e que aumentaram com a vitória soviética na Segunda Guerra Mundial, visíveis na geração de 45 e naquela dos anos 50. Já havia acontecido o mesmo na primeira geração da intelectualidade brasileira dos inícios do século XIX, quando José Bonifácio de Andrade e Silva defendia a libertação dos escravos, por influência da Revolução Francesa, destoando dos interesses das classe dominantes brasileiras¹³⁵. Por último, mas não menos importante, deve-se relembra a influência das idéias iluministas, impregnadas nos intelectuais brasileiros, imbuídos da idéia de missão civilizatória que a cultura tinha a desempenhar.

Aliás, a fundação e o espírito das primeiras Faculdades de Filosofia, do IBGE e da AGB têm muito a ver com o referido espírito missionário-cultural acima referido. Em São Paulo a elite política derrotada em 1932 via na Faculdade de Filosofia da USP um projeto de profunda formação cultural no interior de uma proposta de retomada do poder, assim como Anísio Teixeira no Rio de Janeiro, com postura mais nacionalista e aberta via igualmente a Faculdade de Filosofia no papel de avanço cultural e Getúlio Vargas, herdeiro do despotismo esclarecido de Frederico II, de Bismarck e de A. Comte, valorizava a cultura como antevia no IBGE não só um órgão de levantamentos estatísticos, mas também de pesquisas geográficas necessárias ao avanço do conhecimento da nação. A AGB de P. Deffontaines e P. Monbeig repetia a experiência de debates científicos da associação francesa (por exemplo entre Emm. de Martonne e R. Blanchard), que lhe serviu de modelo, sempre acreditando no poder do conhecimento geográfico.

Pode-se dizer que, em circunstâncias distintas, assim como o choque da derrota da França na guerra franco-prussiana obrigou os franceses a recuperar o tempo perdido na geografia e em outras áreas de conhecimento, a Revolução de 30 provocou enorme efervescência no Brasil e teve de enfrentar grandes desafios, com resultados significativos na produção geográfica. Isto tudo foi ajudado pelas novas circunstâncias, pois o pacto de poder de 30 teve de enfrentar problemas territoriais cruciais, como 1) o “fechamento” das

¹³⁴ C. Furtado: *A fantasia organizada*, Paz e Terra, 1985.

¹³⁵ O. Tarquínio de Souza: *História dos fundadores do Império do Brasil*, Rio, 1959.

fronteiras externas, abertas até 1929-30 pelo funcionamento da divisão internacional do trabalho dirigida pela Inglaterra, garantida pela existência do chamado arquipélago brasileiro, cedendo lugar a um mercado nacional, 2) a abertura das “fronteiras” estaduais, com o fim dos impostos entre Estados, completando o processo acima referido, 3) os mapeamentos municipais e o levantamento das coordenadas geográficas em todo o território nacional, 4) o desenvolvimento do rodoviarismo, completando a malha ferroviária de tipo colonial e interligando o território nacional, 5) o desenvolvimento das pesquisas geográficas, levadas a efeito pelos grupos de pesquisa do CNG, ligado às grandes divisões regionais, incluindo a divisão regional do Brasil proposta por F. Macedo Soares Guimarães¹³⁶, 6) as questões ligadas à mudança da capital federal do Rio de Janeiro, envolvendo grupos de pesquisadores da área de Geografia (L. Waibel, F. Ruellan e outros), com muitos debates.

Assim como a geografia francesa nos fins do século XIX, sob liderança de P. Vidal de La Blache e com o apoio governamental deliberado, queimou etapas assimilando seriamente o que de melhor se produzia no mundo, enviando H. Bauling a estudar com W.M. Davis nos EUA e M. Sorre a estagiar com F. Ratzel na Alemanha, por exemplo¹³⁷, a geografia no Brasil nos anos 30 e 40 se apoiou nos mestres franceses (P. Deffontaines, P. Monbeig, F. Ruellan e outros), mas também enviou jovens e promissores geógrafos a França e aos EUA. O IBGE mandou em 1945 a primeira leva de estagiários aos EUA (F. Macedo Soares Guimarães, L. Castro Soares, L. Bezerra dos Santos, J. V. Costa Pereira e O. Valverde) e à França (M. Alves de Lima, P.P. Geiger, E. Xavier, Miriam Mesquita e Elza Souza Keller), as quais se seguiram outras levas de estagiários para os EUA e a França, como A. Teixeira Guerra, A. Porto Domingues com J. Tricart, C.A. Figueiredo Monteiro (1950-51), com seu mestre F. Ruellan, etc. A mesma política foi posta em prática pela USP e seu primeiro viajante foi provavelmente A. França, que estagiou com M. Sorre em 1945-46, depois de se doutorar na USP¹³⁸ e seguido de vários outros nos anos 40 e 50.

¹³⁶ A temática da divisão regional no Estado de São Paulo, nesta fase pioneira, foi retomada por P. Deffontaines e a nível nacional, após os trabalhos de F. Macedo Soares Guimarães, continuou nos anos 50 com as propostas de Golbery do Couto e Silva (Geopolítica do Brasil) e do BNDE, ambas com o mesmo enfoque centro-periferia, adotadas pouco depois pelo IBGE. Nos anos 60 foram aplicadas as idéias de regiões polarizadas (redes urbanas) e regiões homogêneas, baseadas respectivamente na estrutura espacial do consumo e na estrutura espacial da produção.

¹³⁷ A. Mamigonian: A. Cholley e a geografia francesa, relatório à FAPESP, 1999-2000.

¹³⁸ Estudo sobre o clima da bacia de São Paulo, usou pioneiramente (1944-45) as idéias de massas de ar, apoiando-se nos estudos dos meteorologistas suecos, antes que estas idéias se difundissem na geografia americana ou européia...

Paralelamente, a vinda ao Brasil de geógrafos estrangeiros se intensificou naqueles anos (Emm. de Martonne havia estado em 1937), com importantes contribuições ao avanço da geografia agrária (L. Waibel), da biogeografia (P. Dansereau), da geomorfologia (J. Tricart), etc. O 1º Congresso Brasileiro de Geógrafos (AGB-Ribeirão Preto) em 1954 e o XVIII Congresso Internacional de Geógrafos (UGI - Rio de Janeiro) em 1956 foram eventos de extraordinária importância, nos quais a presença de M. Santos já se fez notar de maneira destacada.

4

M. Almeida Abreu escreveu interessante depoimento sobre sua trajetória intelectual na geografia, no qual destacou a importância de M. Santos, sobretudo após a reunião da AGB em Fortaleza (1978) e defendeu a idéia da importância crucial do sistema de Pós-Graduação para a Geografia Brasileira¹³⁹. Entretanto, o destaque internacional de vários geógrafos brasileiros é anterior ao referido sistema, como fica evidenciado nos cursos ministrados nos anos 60 por O. Valverde nos EUA (1965), na Alemanha (1967) e na França (1969), por N. Bernardes (Inglaterra e País de Gales), P.P. Geiger (EUA), M. Correia de Andrade (França), além de J.J. Bigarella, A. Ab'Saber entre outros, sem falar na ida definitiva de H. Sternberg à Universidade de Berkeley e o exílio prolongado de M. Santos por várias universidades e países¹⁴⁰.

Infelizmente nos acostumamos ultimamente a analisar a geografia brasileira a partir de uma ótica ideologizada, sem nos darmos conta da existência já nos anos 50 de geógrafos de altíssimo nível intelectual, como Aziz Ab'Saber, N. Lecocq Muller (Sítios e sítiantes no Estado de São Paulo), P. Petrone entre outros em São Paulo, O. Valverde, A. Teixeira Guerra, Lysia Bernardes, C.A. Figueiredo Monteiro entre outros no Rio de Janeiro, assim como nomes de destaque fora do eixo Rio-São Paulo, como M. Correia de Andrade, M. Santos, V.A. Peluso Jr., J.J. Bigarella, entre outros.

Aliás, destes nomes extraordinários, M. Santos foi o último a se destacar, mas conseguiu queimar etapas, como ocorreu com a geografia brasileira nos anos 30 e 40, até se tornar o mais importante nome da geografia humana brasileira. Tendo se interessado pela geografia no ginásio e no preparatório ao curso de Direito (Bahia), a partir de várias leituras, inclusive *A geografia humana* de Josué de Castro, que didatizou as idéias de La

¹³⁹ “A partir deles (centros de pós-graduação), alguns geógrafos começavam então a se destacar no cenário científico brasileiro e internacional”... Sobre M. Santos e sobre a crescente auto-estima da geografia brasileira (p. 42), in M.A.A. de Souza (org.): O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo. Hucitec, 1996.

¹⁴⁰ Entrevista GEOSUL nº 12/13 (1991-92) e C.A. Figueiredo Monteiro, obra citada, p. 43 e p. 134 (nota).

Blache e de J. Brunhes, Milton foi lecionar geografia em 1949 no ensino secundário em Ilhéus, onde começou a pesquisar a zona de cacau e a levar seus primeiros resultados aos cursos de aperfeiçoamento do IBGE, que passou a freqüentar, e à reunião da AGB em Belo Horizonte (1950). Estes contatos foram um grande desafio, pois sua primeira comunicação foi rejeitada em duas reuniões consecutivas da AGB, até que seu aprofundamento no conhecimento da geografia, com humildade e dignidade, levaram à aceitação do seu primeiro livro de fôlego (*Zona de Cacau, introdução ao estudo geográfico*, Salvador, 1955), que mereceu uma segunda edição na famosa coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, com o apoio de Aroldo de Azevedo, o líder da geografia paulista.

A reunião da UGI no Rio de Janeiro (1956) teve papel de preparar um salto qualitativo em pelo menos dois grandes geógrafos brasileiros (Aziz Ab'Saber e Milton Santos), por influência direta de J. Tricart, que furando o bloqueio da censura e do reacionarismo de H. Sternberg, ministrou curso na UERJ, paralelamente ao curso chamado de Altos Estudos Geográficos, organizado pelo Departamento de Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia, que excluía como ministrantes quaisquer geógrafos “perigosos”, como J. Dresch, J. Tricart, P. George, sem falar naturalmente dos soviéticos¹⁴¹. Aziz Ab'Saber foi introduzido às idéias de geomorfologia dinâmica, morfo-climática, criadas e difundidas na geografia por A. Cholley, mestre de J. Tricart, Ph. Pinchemel, A. Journaux e outros¹⁴². Milton Santos chegou às idéias de forma, função, estrutura e processo a partir da obra de J. Tricart¹⁴³, que permaneceram desconhecidas na USP, por comodismo ou censura. Assim, a geografia humana produzida em São Paulo, tão dinâmica anteriormente, por influência das idéias de P. Monbeig (como na tese de N. Lecocq Muller, acima referida), foi perdendo criatividade ao abrir mão da ênfase indispensável à base econômica da vida humana, enveredando nos últimos anos por modismos cômodos tão a gosto dos órgãos financiadores das pesquisas.

Milton, a partir da sua tese de doutorado defendida na França em 1958¹⁴⁴, passou a realizar gradativamente teorizações originais na temática da urbanização dos países subdesenvolvidos, sobretudo após seu exílio de 1964¹⁴⁵, que acabaram levando ao seu importantíssimo *L'espace partagé* (1975), nos permitindo dizer que naquela altura dos acontecimentos sua contribuição ao conhecimento das cidades e dos países

¹⁴¹ Entrevistas de M. Correia de Andrade e de M. Santos, à Geosul nº 11/12, UFSC, 1991-92.

¹⁴² A. Mamigonian, relatório acima referido.

¹⁴³ *L'habitat urbain*, CDU, Paris.

¹⁴⁴ *O centro da cidade de Salvador*, UF da Bahia e Liv. Progresso Ed., 1959.

¹⁴⁵ *Villes et économie urbaine dans les pays sous-développés*, Revue géographique de Lyon, 1968.

subdesenvolvidos havia ultrapassado de longe a produção geográfica americana e européia (Y. Lacoste, p. ex.).

Mais adiante, as teorizações de Milton alcançaram a geografia humana toda¹⁴⁶, baseadas no conceito marxista de Formação econômica-social, que ele recria para a geografia, baseando-se nos estudos de Lênin (Rússia), Amílcar Cabral (Cabo Verde), e nas teorizações de E. Sereni.

Em todos os seus avanços, como nas formulações de espaço técnico-científico-informacional, não deixa de recriar para a geografia os conceitos colhidos na ciência social soviética dos anos 80 (Período técnico-científico), como anteriormente recriara as idéias de J. Tricart, acima apontadas, sobre o espaço interno das cidades (L’habitat urbain).

5

Diante desta obra monumental, rica em conhecimentos teóricos e empíricos, incluindo seu último trabalho de fôlego sobre o Território brasileiro, desenvolvido com Laura Silveira e uma grande equipe, cabe nos perguntar: a geografia humana produzida nas universidades brasileiras hoje conseguirá dar prosseguimento aos caminhos por ele apontados? A minha propensão é duvidar, me apoiando nos seus depoimentos sobre a crescente perda de rumo da geografia humana brasileira, que é anterior, na verdade, à contra-revolução quantitativa e à chamada “revolução” marxista, “porque a produção acadêmica genuína, tem como caráter fundamental a gratuidade; eu escrevo porque quero e porque imagino que tenho algo a dizer e não porque sou obrigado por um regulamento ou pela necessidade de ganhar mais dinheiro, para participar um pouco mais do sistema de consumo; esta produção é a produção que eu chamaria de gastro-intestinal e não acadêmica. As teses de mestrado, doutorado, as teses para se ascender à livre-docência, são, de modo geral, gastro-intestinais; resultam, freqüentemente, da vontade de poder ou de uma posição melhor na carreira”¹⁴⁷.

A melhor contribuição à memória de Milton Santos é menos endeusá-lo momentaneamente nesta hora de luto, como é próprio das numerosas viúvas intelectuais, que freqüentemente não o levaram a sério, mas estudá-lo, decifrá-lo, assimilá-lo, criticá-lo, como se faz com os grandes pensadores. Eis a tarefa dos seus verdadeiros admiradores.

¹⁴⁶ Por uma geografia nova, Hucitec-Edusp, 1978 (com várias edições em português, francês e espanhol).

¹⁴⁷ Entrevista à GEOSUL nº 12/13, acima referida.